

As mulheres agroextrativistas e as cadeias produtivas da sociobiodiversidade Amazônica: um estudo de caso sobre o Território Médio Juruá, Carauari - Amazonas.

Agro-extractivist women and the productive chains of the Amazon socio-biodiversity: a case study on the Middle Juruá Territory, Carauari - Amazonas.

LIMA, Rosângela Cunha¹; CUNHA, Quilvilene Figueiredo²; NERY, Raqueline Santiago³; MESSINA, Nathália⁴; NASCIMENTO, Almira Silva⁵; DUARTE RITTER, Camila⁶; CRUZ, Lívia Ribeiro⁷; SOUZA, Jéssica Pereira⁸;

¹Associação de Mulheres Agroextrativistas do Médio Juruá, rosangela30cunha022@gmail.com;
²Associação de Mulheres Agroextrativistas do Médio Juruá, cunhaquilvilene@gmail.com, ³Secretaria Executiva do Fundo Médio Juruá, raqueline25@gmail.com, ⁴Instituto Juruá, nathaliamessina@institutojurua.org.br, ⁵Instituto Juruá, almirasilva@institutojurua.org.br, ⁶Instituto Juruá, camila.duarte.ritter@institutojurua.org.br, ⁷Arizona State University e Instituto Juruá, liviarcruzz@gmail.com; ⁸Memorial Chico Mendes, jess_psouza@hotmail.com.

RESUMO EXPANDIDO

Eixo Temático: Gênero, Feminismos e Diversidades na Construção Agroecológica

Resumo: Alcançar a equidade de gênero na Amazônia rural é fundamental para uma sociedade sustentável e justa. Assim, buscamos compreender o contexto de gênero nas principais cadeias produtivas e nos trabalhos de mercado e trabalhos reprodutivos não remunerados em 22 comunidades tradicionais agroextrativistas no Médio Juruá, entrevistando 310 mulheres e homens. Encontramos diferenças no tempo dedicado ao trabalho remunerado, trabalho doméstico e atividades pessoais entre homens e mulheres. O trabalho reprodutivo realizado pelas mulheres é fundamental para sustentar o trabalho produtivo no mercado, porém ainda desvalorizado. As mulheres participam de várias etapas das cadeias produtivas, mas enfrentam estereótipos e desigualdades na distribuição de renda. Ressaltamos a importância de valorizar e reconhecer o trabalho das mulheres, além de propor medidas para melhorar sua condição nas cadeias produtivas, como apoio comunitário, educação, assistência técnica e abordagens de gênero.

Palavras-chave: gênero; economia feminista; comunidades tradicionais; amazônia.

Introdução

Alcançar a equidade de gênero e empoderar as mulheres e meninas, sobretudo em países periféricos e com altas desigualdades sociais, é um tema imperativo em todo o mundo e representa um dos Objetivos da Agenda de Desenvolvimento Sustentável 2030 das Nações Unidas. Nos países tropicais e especialmente na Amazônia rural, o envolvimento das mulheres nas cadeias de valor de produtos da sociobiodiversidade é um importante mecanismo para incidências políticas e obtenção de resultados positivos para os arranjos locais.



Aqui, compartilhamos um trabalho que surgiu como demanda na Assembleia Geral da Associação de Mulheres Agroextrativistas do Médio Juruá (ASMAMJ), em 2019, durante a construção do planejamento estratégico da associação. Na ocasião, as mulheres trouxeram à tona seu incômodo quanto às restrições à participação feminina em etapas específicas das cadeias produtivas e a invisibilização não só dos trabalhos realizados por elas nas diferentes etapas dessas cadeias, mas também do papel de mantenedoras da existência dessas atividades através dos trabalhos domésticos e de cuidados, de produção e reprodução da vida. Dessa percepção coletiva, a ASMAMJ identificou a necessidade de realização de uma pesquisa científica, a fim de promover a leitura social sobre a condição da mulher nas cadeias produtivas, na vida comunitária e familiar no Médio Juruá.

Assim, esta pesquisa buscou compreender o contexto de gênero nas principais cadeias produtivas do território (Figura 1): pirarucu de manejo, seringa (borracha), mandioca (farinha), murumuru e andiroba (óleos vegetais), pescado e açaí. Além do olhar para o trabalho de mercado, o estudo apresenta uma abordagem sobre os trabalhos reprodutivos, não remunerados, voltados para o lar e a família, que são papéis historicamente atribuídos às mulheres e meninas.

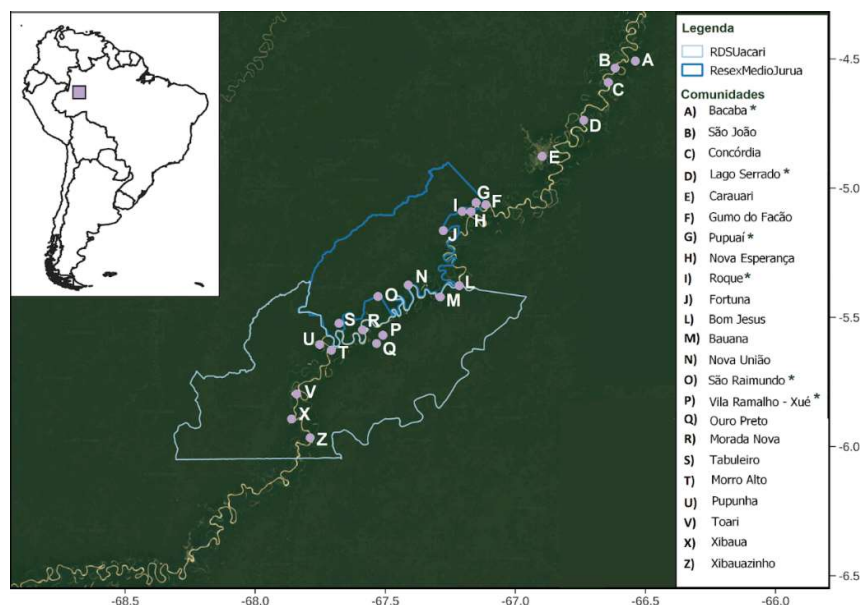
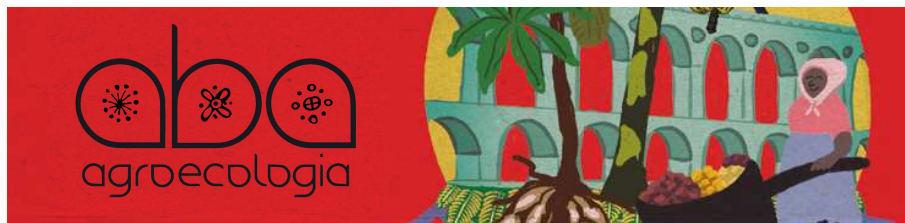


Figura 1. Mapa indicando a localização das comunidades abrangidas no estudo. As comunidades A, B, C e D, abaixo da sede municipal (E), estão na área do acordo de pesca. O mapa à esquerda mostra a América do Sul com destaque ao município de Carauari.



Metodologia

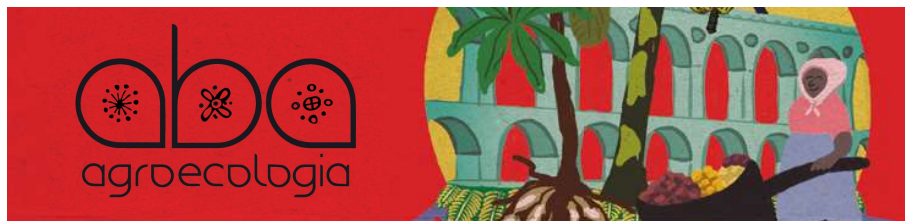
O trabalho foi realizado em comunidades tradicionais agroextrativistas, chamadas comunidades ribeirinhas, do município de Carauari, a Sudoeste do estado do Amazonas, no trecho médio do rio Juruá (Figura 1). O estudo abrangeu 22 comunidades de três áreas distintas: uma contemplada por Acordo de Pesca, e outras duas contempladas por Unidades de Conservação (UC) - a Reserva Extrativista do Médio Juruá (RESEX Médio Juruá), criada em 1997, com 253.227 hectares; e a Reserva de Desenvolvimento Sustentável Uacari (RDS Uacari), criada em 2005, com 632.949 hectares. Entre maio e junho de 2022, foram realizadas 310 entrevistas semiestruturadas com homens e mulheres acima da maioridade, englobando aspectos sócio-demográficos, padrões reprodutivos, questões relativas à participação nas diferentes etapas das cadeias produtivas e uso do tempo. Os dados foram analisados usando o programa R (R Core Team, 2021).

Resultados e Discussão

Encontramos diferenças notáveis entre os tempos dedicados por mulheres e homens ao *trabalho produtivo remunerado* (de mercado), em que homens dedicam mais tempo; aos *trabalhos domésticos e de cuidados familiares* (trabalho reprodutivo), em que mulheres dedicam mais tempo; e às *atividades pessoais*, em que homens desfrutam de mais tempo (Figura 2). O tempo dedicado a compras, exercício da cidadania e estudos é similar entre mulheres e homens (Figura 2).

Sabendo que o trabalho de reprodução da vida (de cuidados do lar e da família) é gratuito e historicamente desvalorizado, enquanto o trabalho dito produtivo (de mercado) é monetizado, os resultados acima se relacionam às figuras estereotipadas do homem provedor e da mulher restrita ao ambiente doméstico, em posição de inferioridade financeira e autonomia reduzida, dentro de uma lógica da economia patriarcal (Federici, 2009). Enfatizamos, portanto, a importância de trazer para as estatísticas o trabalho reprodutivo a fim de retratar de forma justa o perfil produtivo das mulheres, já que as atividades reprodutivas (alimentar, limpar, organizar, cuidar, etc.), sustentam os trabalhos produtivos de mercado. Essa distribuição desigual de trabalho doméstico e de cuidados entre homens e mulheres é um padrão que se repete globalmente (Ervin et al. 2022) e que se reflete não só na vida profissional das mulheres, como também fragiliza a saúde mental dessas que carregam cargas mais pesadas que os homens (Ervin et al. 2022). Como consequência, essa sobrecarga afeta todos os aspectos da vida pessoal, familiar, comunitária e profissional das mulheres (Instituto Juruá, 2022).

Paralelamente, o trabalho de mercado gradualmente vem cedendo espaço à maior participação feminina, em meios formais ou informais. Na área rural do Médio Juruá, esses trabalhos são principalmente ligados à sociobioeconomia Amazônica e práticas de conservação de base comunitária. Assim, considerando a participação de mulheres e homens em pelo menos uma etapa das cadeias da



sociobiodiversidade mais importantes da região, percebemos que a porcentagem de envolvimento com essas cadeias nos dois grupos é bastante similar (Figura 3).

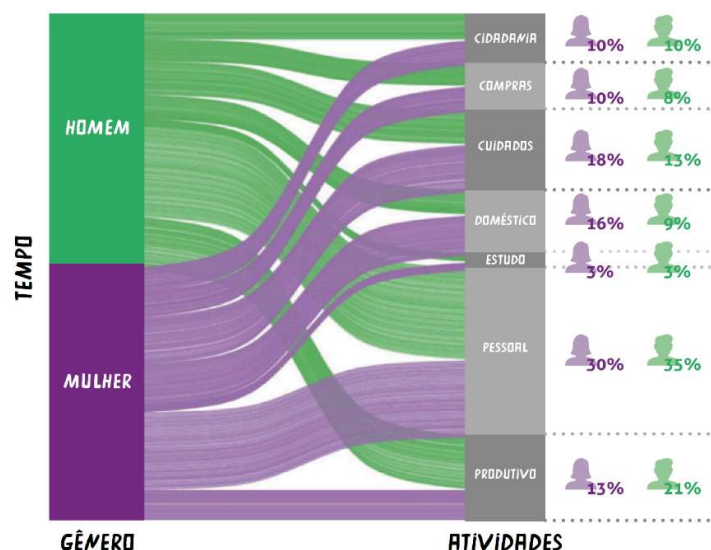


Figura 2. Porcentagem do uso do tempo por homens e mulheres no Médio Juruá.

Mesmo com essa participação em pelo menos uma etapa da cadeia de modo similar, prevalece ainda o estigma de que algumas cadeias são exclusivamente masculinas. Nesse sentido, 13% dos homens e 7,4% das mulheres afirmam que a cadeia da borracha é exclusivamente masculina, e 9,3% dos homens e 7,4% das mulheres dizem o mesmo em relação à atividade da pesca.

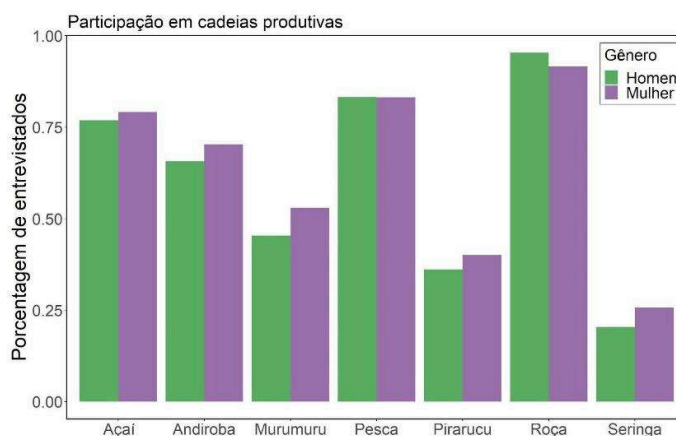


Figura 3. Participação de homens (verde) e mulheres (lilás) em pelo menos uma etapa das sete principais cadeias do território.



Destrinchando as etapas de cada cadeia, percebemos que homens e mulheres participam de todas, com diferenças relacionadas às proporções de gênero por etapas de trabalho. Nas cadeias do Pirarucu de Manejo (Figura 4) e da Seringa, por exemplo, há maior participação de homens do que de mulheres nas etapas, sendo essas as duas atividades econômicas que dão mais retorno financeiro. Diminuindo gradualmente as diferenças, percebemos mais homens do que mulheres nas etapas do Açaí, Pescado e Farinha, sendo que a diferença é maior nessas duas últimas do que na primeira (dados descritos em detalhes no relatório completo - Instituto Juruá e ASMAMJ, 2022). A cadeia da Andiroba é a em que a participação de mulheres e homens é mais similar no que diz respeito às etapas de trabalho.

Em relação à remuneração, de maneira geral, mesmo havendo participação das mulheres, a destinação do pagamento pelas safras ora se faz mais para o homem, ora mais para a família, ora para estes dois. Em nenhuma cadeia a mulher recebe mais ou igual à renda mediana de ambos, ainda que participe fortemente nas diversas etapas da cadeia, como no caso da andiroba (Figura 4C).

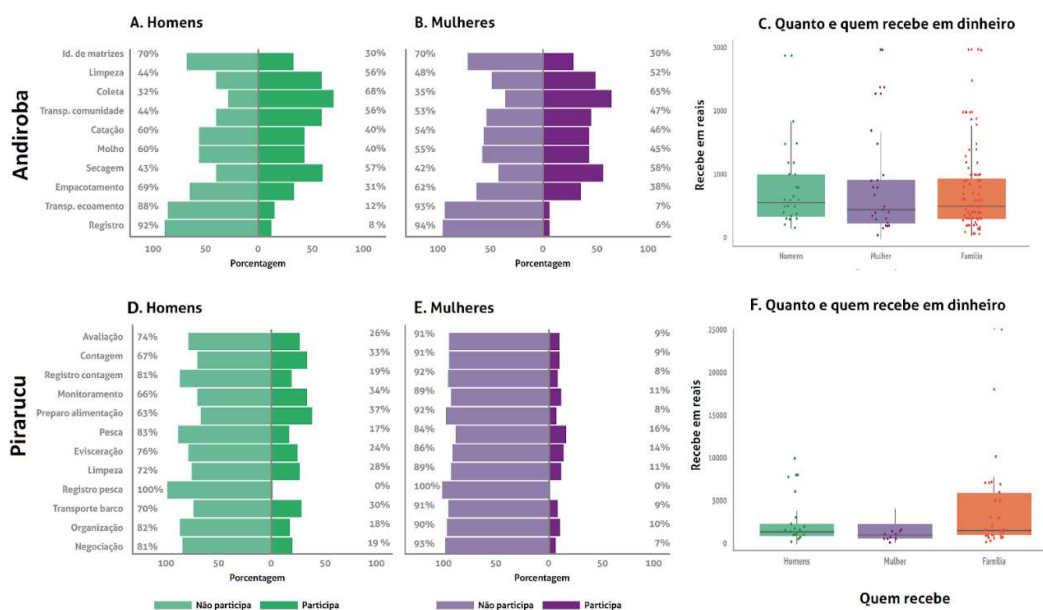
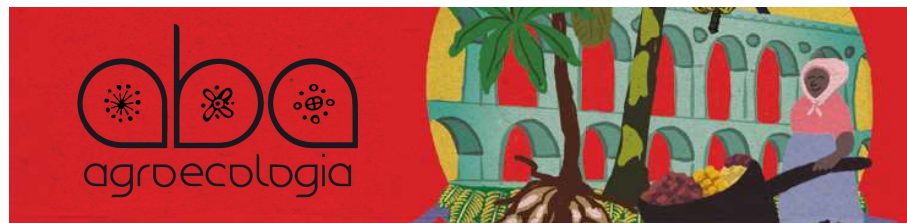


Figura 4. Participação por etapa da cadeia da andiroba por (A) homens e (B) mulheres e (C) valores recebidos por safra por homens, mulheres e família; e na cadeia do pirarucu manejado por (D) homens e (E) mulheres e (F) valores recebidos por safra por homens, mulheres e família. Figuras similares sobre as demais cadeias são acessíveis no relatório técnico (Instituto Juruá e ASMAMJ, 2022).

Conclusões

Nossos resultados evidenciam a participação ativa das mulheres do Médio Juruá nas principais cadeias da sociobiodiversidade do território, e configuram um avanço na luta pela valorização desses trabalhos invisibilizados pela economia patriarcal.



Essa pesquisa, assim, torna não só visível a atuação feminina indispensável nas cadeias e a disparidade de reconhecimentos simbólico e material entre gêneros, mas também a sobrecarga a que elas estão expostas em seus trabalhos reprodutivos, domésticos e de cuidados. Assim, ao buscarem reconhecimento, as mulheres agroextrativistas também dão um passo importante na busca pela metodologia científica e integração dos sistemas de conhecimento para o alcance de seus resultados. Um desses resultados se reflete na força da ASMAMJ ao demandar esse tipo de pesquisa, ao fornecer treinamento à sua equipe e atuar na coleta de dados em campo, ao participar da elaboração do relatório técnico, podcast, vídeos, cartilha e todos os desfechos deste estudo, aproximando-se desse espaço, que antes parecia tão distante, que é o da ciência. Com base nesses dados, as mulheres podem embasar as discussões nos espaços sociais, propor mudanças estruturais e alcançarem cada vez mais a equidade de gênero dentro de suas casas, comunidades, nas cadeias produtivas e no território como um todo.

Agradecimentos

Esta pesquisa é fruto da relação de parceria entre a ASMAMJ (Associação de Mulheres Agroextrativistas do Médio Juruá) e o Instituto Juruá, com o apoio do projeto “Cosméticos Sustentáveis da Amazônia” - uma parceria entre GIZ Brasil, Natura e Symrise. Outros parceiros indispensáveis são: Memorial Chico Mendes (MCM), Sitawi, ASPROC (Associação de Produtores Rurais de Carauari), AMARU (Associação de Moradores Agroextrativistas da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Uacari) e demais integrantes do Fórum Território Médio Juruá (TMJ).

Referências bibliográficas

ERVIN, Jennifer, TAOUK, Yamna, ALFONZO, Ludmila Fleitas, HEWITT, Belinda, & KING, Tania. 2022. Gender differences in the association between unpaid labour and mental health in employed adults: A systematic review. *The Lancet Public Health*, 7(9), e775-e786.

FEDERICI, Sílvia. A reprodução da força de trabalho mundial e a revolução feminista inacabada, 2009. Em: FEDERICI, Sílvia. **O ponto zero da revolução**. Coletivo Sycorax e Editora Elefante, 2019, p. 194 a 232.

INSTITUTO JURUÁ (Associação de Pesquisa Aplicada, Conservação e Desenvolvimento Sustentável do Rio Juruá) e ASMAMJ (Associação de Mulheres Agroextrativistas do Médio Juruá). **GÊNERO E JUVENTUDE NAS CADEIAS DE VALOR DO MÉDIO JURUÁ**. Carauari, AM: IJ, outubro de 2022. 156p.

R Core Team. R: A Language and Environment for Statistical Computing. 2021. URL: <https://www.r-project.org/>[accessed 2022-03-30].